

O papel dos cinemas na formação da Praça Saens Peña (Rio de Janeiro-RJ)¹

Raquel Gomes de SOUSA²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Partindo-se do princípio que as salas de exibição são objetos fixos do espaço urbano capazes de criar e recriar arranjos espaciais busca-se entender o papel das mesmas na formação da Praça Saens Peña, no bairro carioca da Tijuca entre os anos de 1935 – 1964, período no qual observou-se uma grande efervescência no que se refere a instalação de novos cinemas na região. Essas salas de exibição trouxeram movimentação não só de pessoas, mas atraiu também para a praça a abertura de outros estabelecimentos comerciais, fazendo com que o local mais tarde ficasse conhecido como um subcentro comercial do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: cinemas; Praça Saens Peña; Rio de Janeiro; século XX

Fazem parte do nosso cotidiano uma variedade de meios de comunicação que são utilizados pela população de maneira mais freqüente, como o rádio, os jornais, revistas e a televisão. Como objetivo principal de um meio de comunicação eles pretendem enviar mensagens ao público, seja de forma visual ou sonora. O cinema, apesar de não ser utilizado de maneira tão freqüente e sistemática pelo grande público assemelhasse à televisão porque envia mensagens visual e sonoramente e por isso pode ser considerado também um meio de comunicação. No âmbito da Geografia entende-se o cinema como um meio de comunicação carregado de significados, valores e estereótipos, criando aquilo que Azevedo (2009) nomeou como “geografia do cinema”, ou seja, um ramo da ciência geográfica que pesquisa como o filme aborda conceitos e problemáticas tratadas em geografia humana. A autora afirma que os filmes que representam ou reproduzem um determinado lugar ou paisagem podem ser alvo de uma investigação geográfica questionando as descrições e retratos estereotipados do mundo e dos lugares representados no filme. Costa (2002) também se posiciona da mesma forma ao cunhar o termo cidade cinematográfica, definida superficialmente como qualquer cidade filmada pela câmera cinematográfica que por sua vez tem o papel não apenas de descrever cidades e lugares,

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGG/UFRJ), email: raquel.ufrj@yahoo.com.br.

mas de inventar essas cidades, pois como afirmou a autora com apoio em J. Donald, o cinema ajuda o espectador a imaginar a cidade mesmo que parte dele não tenha vivido nela. A autora cita, por exemplo, como D. Harvey usou a narrativa fílmica presente em “Blade Runner” e “Asas do Desejo” para mostrar como os meios de comunicação tentavam evidenciar a compressão tempo espaço ao mesmo tempo em que eram atingidos pela confusão gerada por tal compressão. Já Alvarenga (2011) ressalta a importância da montagem para compreensão do filme uma vez que essa colagem de imagens pode criar novos espaços, novas espacialidades fílmicas. Segundo o autor não é porque um filme tem como cenário uma cidade real que ele deve retratá-la de maneira rigidamente igual, ou seja, não podemos exigir dos filmes fidelidade à realidade porque os mesmos manipulam os espaços de acordo com os seus interesses. O autor elucida seu ponto de vista analisando a montagem da perseguição do filme “Bullit”, que apesar de durar 10 minutos, foi gravada durante 5 dias em diferentes ruas de São Francisco, na Califórnia (EUA). De acordo com o autor, analisando-se plano a plano, verifica-se que eles foram colados despreocupadamente com a fidelidade à realidade, construindo assim uma nova geografia da cidade.

A perspectiva retratada pelos autores citados acima considera, portanto os cinemas, ou em outras palavras, os filmes como representação do espaço, do real. Entende-se a importância de tal perspectiva, mas distanciamos-nos dela e consideramos aqui os cinemas, ou melhor, as salas de exibição como fixos do espaço urbano capazes de criar e recriar arranjos espaciais, isto é, são objetos constituintes e formadores do espaço urbano que contribuem para dar inteligibilidade ao mesmo. As salas de exibição possuem uma localidade dotada de intencionalidades seja pela proximidade com distribuidores, fornecedores, com os meios de transporte ou com o público. No entanto, esse conjunto de vantagens locacionais pode variar no tempo e no espaço, fazendo com que a localização das atividades migre conforme for mais vantajoso para cada uma delas, criando assim uma diferenciação espacial, na qual alguns espaços podem se tornar mais privilegiados que outros, caso, por exemplo, da Praça Saens Peña no bairro da Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro, que entre 1935 – 1964 foi palco de uma grande explosão de instalação de cinemas na região (Sousa, 2014), tornando-se assim um distrito de cinemas, antes mesmo de se tornar um lugar central na rede de subcentros comerciais da cidade. Entender o papel dos cinemas como formadores do espaço urbano da Praça Saens Peña é, portanto, o objetivo do presente artigo.

Operacionalmente a principal fonte de dados para fazer tal análise foi o livro de Gonzaga (1996) que traz uma rica informação sobre as salas de cinema existentes na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1896 e 1995, com seus respectivos nomes, nomes substitutos, ano de instalação, ano de fechamento e endereços completos, atributos espaço temporais indispensáveis para uma pesquisa em geografia. Uma análise preliminar fora elaborada por Sousa (2014). A autora estabeleceu alguns critérios para validação desses dados, como por exemplo, a contabilização de sala por sala (e não cinema por cinema) e a desconsideração daqueles cinemas sem o endereço completo, para em seguida fazer uma sistematização dos mesmos. Ela também estabeleceu um jogo escalar compatível com os objetivos do trabalho, ou seja, que fosse capaz de analisar com mais precisão os dados referentes ao número de cinemas em funcionamento, seus processos e efeitos na cidade em suas respectivas áreas. Sendo assim Sousa (2014), apoiada parcialmente por Soares (1965) adotou a subdivisão da cidade do Rio de Janeiro segundo as zonas Norte, Sul, Oeste, Centro, Bairros Suburbanos e Barra da Tijuca. Soares (1965) diferencia a Zona Norte dos Bairros Suburbanos, sendo a primeira, composta pelos bairros da Tijuca, Andaraí, Grajaú, Maracanã, Rio Comprido, Vila Isabel e São Cristóvão, onde predominavam residências de classe média, um número significativo de estabelecimentos industriais e um desenvolvimento moderado de estabelecimentos de serviços e o segundo eram os bairros associados a duas características principais, ao trem como meio de transporte e ao predomínio de uma população com recursos escassos, como por exemplo, Olaria, Ramos, Bonsucesso e Madureira. Já a Barra da Tijuca, formalmente pertencente à Zona Oeste foi analisada separadamente por causa de suas díspares características quanto à história de ocupação, características urbanas e, também, pelas características singulares quanto à ocupação dos estabelecimentos cinematográficos (Sousa, 2014).

Temporalmente o pontapé inicial de sua pesquisa foi o ano de 1905, ano de inauguração da Av. Central, hoje Av. Rio Branco, que segundo Gonzaga (1996) se tornaria um novo endereço para a instalação das primeiras salas de cinema fixas da cidade, já que até então elas eram itinerantes, efêmeras, passavam por vários endereços da cidade não tendo assim uma localidade específica e a data de término 1995 pelos próprios limites que a fonte de dados nos impôs. Os períodos foram estabelecidos segundo uma relativa homogeneidade interna em termos de elementos, processos e acontecimentos que caracterizam aquele período, isto é, que dão certa unidade a ele, sendo assim a periodização ficou estruturada de acordo com o primeiro momento (M1), entre 1905 – 1934, no qual a

área central era aquela com o maior número de salas, o segundo momento (M2) entre 1935 – 1984, em que Bairros Suburbanos apresentavam a maior porcentagem de cinemas e o terceiro momento (M3) entre 1985 – 1994, no qual a Zona Sul se destacou por sua quantidade de salas de exibição (Sousa, 2014). Vale lembrar que como apontou Santos (1985 [2008]) com apoio em F. Braudel, a periodização é flexível aos olhos do pesquisador, ou seja, essa periodização poderia ser colocada de forma diferente por outra pessoa, sem que na verdade, exista uma periodização melhor que a outra, *a priori* (Corrêa, 2011) . O quadro abaixo ilustra essas informações numericamente.

Quadro 1: Cinemas em funcionamento segundo os momentos e áreas na cidade do Rio de Janeiro (1905-1994)

| ÁREAS | MOMENTOS | | |
|---------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|
| | Momento 1: 1905 – 1934 | Momento 2: 1935 – 1984 | Momento 3: 1985 - 1994 |
| Rio de Janeiro - RJ | 250 | 310 | 105 |
| Zona Sul | 27 | 53 | 37 |
| Zona Norte | 41 | 38 | 9 |
| Bairros Suburbanos | 59 | 128 | 22 |
| Centro | 110 | 44 | 10 |
| Zona Oeste | 13 | 41 | 10 |
| Barra da Tijuca | - | 6 | 17 |

Fonte: Gonzaga (1996) *apud* Sousa (2014).

Conforme exposto no **Quadro 1**, durante o M1 havia no Rio de Janeiro 250 salas em atividade, no entanto, não necessariamente esses 250 cinemas funcionaram concomitantemente, mas ao longo desses 30 anos o Rio de Janeiro presenciou o funcionamento desse montante de salas. Como afirmado anteriormente e ilustrado no quadro acima, a área com maior número de salas era o centro, com 110 cinemas, ou seja, esse foi o primeiro grande polo cinematográfico da cidade. Áreas como a Praça Tiradentes, a Av. Rio Branco e a Cinelândia se destacaram por concentrarem uma quantidade relativa de salas 14, 15 e 13 cinemas respectivamente (Sousa, 2014). A Praça Tiradentes e a Cinelândia, por serem praças concentravam suas salas em áreas especializadas conhecidas como distrito de entretenimento (Berry, 1967), já a Av. Rio Branco, por ser uma grande via de circulação não apresentou nenhuma concentração específica. De forma geral o M1 relaciona-se com o que conhecemos como o processo espacial de centralização, ou seja,

aquele que gera a área central, onde há concentração das principais atividades de comércio e serviços, gestão pública e privada e os terminais rodoviários (intraurbanos e inter-regionais) conforme afirmado por Corrêa (1989[2005]). Sobre o assunto Sposito (1991) ressalta que a área central não necessariamente é o centro geográfico, antes de tudo, sua principal característica é ser ponto de convergência e divergência. A concentração das salas de cinema nessa área reforça-na como centro da cidade, mas outras atividades terciárias também se concentravam principalmente na área central.

No M2 o Rio de Janeiro chegou ao total de 310 salas, das quais 128 estavam distribuídas pelos 46 bairros que compunham os Bairros Suburbanos. Madureira, Penha, Ilha do Governador e Méier foram aqueles que mais se destacaram com 11, 8, 6 e 6 cinemas respectivamente, no entanto será na Zona Norte, no bairro da Tijuca onde verificaríamos o bairro com o maior número de salas nesse período, 23 cinemas ao total (Sousa, 2014). Não é por acaso então que a Praça Saens Peña, nosso objeto de estudo, geograficamente pertencente ao bairro da Tijuca, irá se destacar. O M2 é caracterizado de forma geral por aquilo que entendemos como processo espacial de descentralização, ou seja, quando as atividades de comércio e serviços deixam a área central e encaminham-se para áreas até então não centrais (Corrêa, 1997[2011], 1989 [2005]). Essa migração se dá por alguns motivos que Colby (1933) chama de forças centrífugas. Essas forças agem como ações de repulsão ao centro paralelamente às ações de atração em direção a outras áreas não centrais. Para que as forças centrífugas possam agir as áreas não centrais precisam ser dotadas de qualidades numerosas e variadas, tais como a presença de largas porções de terras não ocupadas que podem ser obtidas por preços relativamente baixos e a proximidade com o serviço de transporte para a locomoção entre cidades. Por meio do número de estabelecimentos cinematográficos percebemos esse movimento de descentralização, já que do M1 para o M2 o montante de salas do centro diminuiu drasticamente e das outras áreas aumenta bastante. Até mesmo a Barra da Tijuca, que não tinha nenhuma sala no M1 passou a ter 06 salas no M2.

Por fim, no M3 tínhamos no Rio de Janeiro 105 salas, com maior concentração na Zona Sul da cidade, mas talvez o mais importante seja destacar que nesse período verificaremos a ascensão dos *shopping centers* e a cada vez mais migração das salas para esses grandes centros de compra (Sousa, 2014). Os 17 cinemas na Barra da Tijuca, por exemplo, estavam em *shopping centers*, ao passo que daqueles 37 na Zona Sul, apenas 08 estavam dentro desses centros de compra, mostrando que essa passagem, apesar de parecer

inevitável, foi progressiva (Sousa, 2014). O surgimento do *shopping center* e consequentemente do "cinema de *shopping center*" mostra a capacidade de renovação e crescimento dos estabelecimentos cinematográficos (Sousa, 2014).

Como o objetivo é entender o papel dos cinemas na formação da Praça Saens Peña durante o M2, detalhamos no **Quadro 2** as 23 salas em atividade no bairro da Tijuca.

Quadro 2: Cinemas em Funcionamento na Tijuca no Momento 2 (1935 - 1964)

| Cinema | Inauguração | Fechamento | Endereço |
|-------------------------------|-------------|------------|-------------------------------------|
| Cinema Tijuca | 01/05/1909 | 02/01/1966 | Rua Conde de Bonfim, 344 |
| Cinema Velo | 27/08/1910 | 31/12/1954 | Rua Haddock Lobo, 192 |
| Cine-Teatro América | 01/06/1918 | ? | Rua Conde de Bonfim, 334 |
| Cinema Avenida | 31/12/1919 | 31/12/1962 | Rua Haddock Lobo, 91 |
| Cine Teatro Brasil | 14/01/1922 | 29/02/1940 | Rua Haddock Lobo, 437 |
| Cinema Paroquial Santo Afonso | 1940 | 31/05/1970 | Rua Barão de Mesquita, 287 |
| Cine Teatro Olinda | 23/09/1940 | 20/08/1972 | Rua Desembargador Isidro, 51 |
| Cinema Carioca | 26/03/1941 | ? | Rua Conde de Bonfim, 338 |
| Cine Metro-Tijuca | 10/10/1941 | 26/01/1977 | Rua Conde de Bonfim, 366 |
| Cine Santa Rita | 1953 | 22/12/1957 | Rua São Francisco Xavier, 03 |
| Cine Madrid | 26/04/1954 | 17/05/1970 | Rua Haddock Lobo, 170 |
| Cinema Palácio Tijuca | 17/01/1960 | ? | Rua Conde de Bonfim, 406 |
| Cine Roma | 28/05/1960 | 23/03/1976 | Rua Mariz e Barros, 354 |
| Cine Rio | 09/08/1965 | 31/10/1978 | Rua Conde de Bonfim, 302 A |
| Cine Comodoro | 17/07/1967 | 02/11/1988 | Rua Haddock Lobo, 145 |
| Cine Bruni Tijuca | 23/08/1968 | ? | Rua Conde de Bonfim, 370 (loja 8) |
| Cinema III | 06/09/1975 | 06/11/1983 | Rua Conde de Bonfim, 229 (loja 311) |
| Cine Coper Tijuca | 23/02/1983 | 13/07/1988 | Rua Conde de Bonfim, 615 (loja 105) |
| Royal Cinema | 1909 | 25/09/1965 | Rua Haddock Lobo, 20 |
| Cinema Tijuca I | 01/01/1956 | ? | Rua Conde de Bonfim, 422 |
| Studio Tijuca | 27/01/1962 | 29/03/1981 | Rua Desembargador Isidro, 10 |
| Cine Bruni Saens Pena | 07/06/1963 | 02/07/1978 | Rua Major Ávila, 455 |
| Cine Tijuca Palace | 23/07/1967 | 14/01/1993 | Rua Conde de Bonfim, 214 (loja 20) |

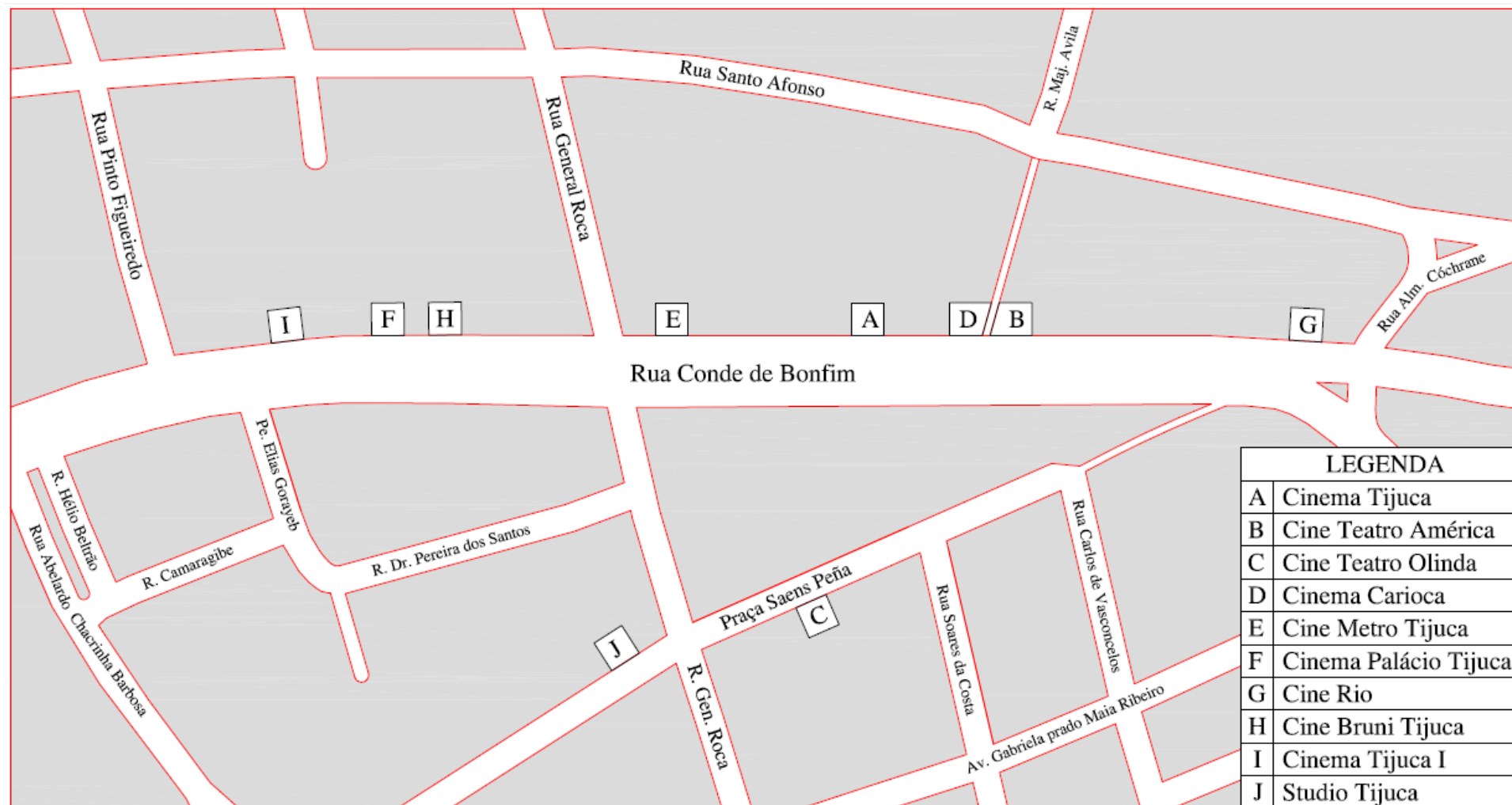
Fonte: Gonzaga (1996) *apud* Sousa (2014) - adaptado

Primeiramente esclarecesse que os cinemas que estão com ponto de interrogação na coluna do ano de fechamento ainda estavam em atividade quando do lançamento do livro de Gonzaga (1996), mas atualmente sabe-se que nenhum desses cinemas está mais em atividade.

Considerando os limites da Praça Saens Peña as esquinas da Rua Conde de Bonfim com a Rua Pinto Figueiredo e com a Rua Almirante Cóchrane, identificamos com apoio do quadro acima que durante o M2, havia 10 salas de cinema na praça, configurando assim uma relativa concentração de cinemas, como indica a Figura 1.

De acordo com Cardoso, Vaz e Aizen (2003), a Praça Saens Peña foi inaugurada em abril de 1911 e, desde então, era considerada um centro de lazer por causa das apresentações musicais e teatrais no coreto e pela prática do *footing*, isto é, uma caminhada ao redor da praça para ver e ser visto, paquerar, conversar, no entanto antes mesmo dessa inauguração formal a praça já era endereço de um cinema, o Cinema Tijuca, que fora inaugurado em 1909 com 679 lugares (Gonzaga, 1996). Todavia, foi mais a frente, a partir da década de 1940, que a praça viria a se tornar um grande antro de cinemas, com duas salas já em atividade, o Cinema Tijuca e Cine Teatro América, que foi inaugurado em 1918 com 1.157 poltronas, outros três foram instalados, o Cine Teatro Olinda (1940), Cinema Carioca (1941) e Cine Metro-Tijuca (1941), cada um com 3.500, 1.108 e 1.785 lugares respectivamente (Gonzaga, 1996). O Olinda, por sinal, seria o maior cinema já construído na cidade (Gonzaga, 1996). Assim, como apontou Cardoso *et al* (1984) a partir da década de 1940 que a região passaria a ser conhecida pela sua oferta de salas de cinema não só para os moradores do bairro, mas para os moradores dos bairros vizinhos como Vila Isabel, Andaraí, Grajaú, Rio Comprido e alguns dos do subúrbios. E justamente, por essa oferta de salas de cinema que a área ganharia *status* de subcentro comercial e de serviços do Rio de Janeiro, pois como apontou Duarte (1974), “[...] na Tijuca foi o setor de serviços, através dos cinemas, que serviu de embrião ao desenvolvimento do subcentro.” (Duarte, 1974, p. 79), o que mostra, dessa forma, o importantíssimo papel dos cinemas para a difusão não só da Praça Saens Peña, mas do bairro da Tijuca frente aos outros no que se refere a oferta de salas de cinema. E se a extrema proximidade entre uma sala e outra poderia ser considerado um problema, Gonzaga (1996) explica que o exibidor Luiz Severiano Ribeiro encarava a proximidade de forma intencional. Para ele não havia problemas vários cinemas estarem próximos uns dos outros, desde que eles fossem voltados para diferentes faixas econômicas da população (Gonzaga, 1996).

Figura 1: Esquema Gráfico dos Cinemas em Atividade na Praça Saens Peña entre 1935 - 1964



Fonte: Google Maps (2014) e Gonzaga (1996) *apud* Sousa (2014) - adaptado.

Na década seguinte, em 1950, inaugurou-se mais uma sala, o Cinema Eskye (1956) com 1.702 lugares (que na década de 1980 viria a ficar conhecido como Cinema Tijuca I e II, após uma reforma que dividiu sua antiga sala em duas) e na década de 1960 outras 4 salas foram abertas: Cinema Palácio Tijuca (1960) com 1.569 lugares, Cine Britânia (1962), depois conhecido como Studio Tijuca com 290 lugares, Cine Rio (1965) com 1.140 lugares e Cine Bruni Tijuca (1968) com 497 lugares (Gonzaga, 1996). Diante de tantas salas em funcionamento, a Tijuca ficou conhecida como a Cinelândia da Tijuca (Cardoso, Vaz e Aizen, 2003; Ferraz, 2012) ou a Segunda Cinelândia Carioca (Ferraz, 2012), fazendo uma alusão à Cinelândia situada à área central do Rio de Janeiro, onde também havia um significativo aglomerado de salas de cinemas, como já ressaltado aqui. Tal fama da Tijuca, e mais especificamente da Praça Saens Peña, atraiu não só as salas de projeção, mas todo tipo de atividades terciárias, reforçando assim, a região como um verdadeiro subcentro onde viam pessoas de vários locais da cidade, assim como afirmou Cardoso *et al* (1984) e Ferraz (2012):

“Sua posição central no bairro e o fato de ser local de passagem de diversas linhas de bonde e ônibus que ligavam tanto a Tijuca quanto outros bairros ao centro possibilitaram, provavelmente, o desenvolvimento do núcleo comercial na Praça Saens Peña, em detrimento de outros locais. A concentração do comércio na Praça Saens Peña durante muitos anos fez como que ela se tornasse para os tijucanos “a praça”. Quando um morador do bairro diz que vai “à praça”, certamente vai à Saens Peña.” (CARDOSO *et al*, p. 138, 1984).

“A Praça Saens Peña, apesar de ter sido considerada por muitos anos a Segunda Cinelândia Carioca, nunca se prestou a apenas um único uso urbano. A partir da década de 1940, a variedade de lojas e serviços terciários oferecidos renderam à região o título de subcentro da cidade [...]. Aliado à grande área livre e arborizada da praça, esses equipamentos ajudaram a alargar as fronteiras do bairro, convidando pessoas de outras localidades do Rio de Janeiro a participar da força urbana que lá se engendrava.” (FERRAZ, p. 97, 2012)

Sendo assim, a Tijuca e a Saens Peña eram um grande centro comercial e os cinemas tornaram-se um chamariz para a circulação de pessoas e para a instalação de outras atividades terciárias. Ou como defende Ferraz (2012), era uma relação de mão dupla, de um lado a presença dos cinemas atraía a população para usufruir as lojas locais, e de outro, a presença das demais atividades terciárias levava as pessoas para dentro dos cinemas. Ainda de acordo com a autora, “a multiplicidade de lojas e demais equipamentos de lazer foi fundamental para que os cinemas transformassem a Saens Peña em Segunda Cinelândia Carioca” (Ferraz, 2012, p. 107). Para além da força motriz dos cinemas, foi também com a

chegada de outras atividades terciárias que a Praça Saens Peña ganhou cada vez mais força como um centro funcional. Teoricamente Colby (1933) retrata o assunto chamando atenção para as forças centrípetas, ou seja, as qualidades atrativas da área central e no caso, de novos subcentros, que agem no sentido de manter e atrair novas funções para o local. Segundo um levantamento realizado por Duarte (1974) 16,1% de pessoas procuravam a Tijuca para usufruir de seus estabelecimentos cinematográficos, sendo dessa forma o bairro mais procurado, seguida do Centro com 14% e de Copacabana com 11,6%. Outros serviços como consultório médico, dentista e banco, a Tijuca ainda era bastante procurada, mas outros bairros estavam à sua frente, como Madureira, Méier e mais uma vez Copacabana e o Centro. A mesma coisa acontecia com as atividades comerciais como lojas de roupas, calçados e móveis, a Tijuca tinha uma relativa oferta e procura, mas esses mesmos bairros eram mais procurados. Essa pesquisa, portanto, demonstra que era por meio da procura pelos cinemas instalados na Praça Saens Peña que o título de subcentro comercial se fez no local.

Esses cinemas sobreviveram uma média de aproximadamente 39 anos. Alguns permaneceram por mais tempo na praça, como o América, que ficou aberto por 77 anos e o Cinema Tijuca por 57 e outros ficaram menos tempo, como o Cine Rio, por 13 e o Studio Tijuca por 19, mas de forma geral eles permaneceram nesse papel por muito tempo, reforçando a Tijuca e a Praça Saens Peña, não apenas um subcentro comercial, mas um distrito de entretenimento, que fora, como aponta Ferraz (2012) completamente inesperado, não planejado. Diferentemente do que aconteceu na Cinelândia, que fora arquitetada para servir ao lazer (Gonzaga, 1996; Lima, 2000; Vaz, 2008; Ferraz, 2012).

Mesmo após anos e anos em funcionamento nenhum desses cinemas está mais em atividade. Ferraz (2012), com apoio em entrevistas realizadas, atribui o fechamento dos cinemas à violência urbana e a crescente instalação dos “cinemas de *shopping centers*” (e suas respectivas, e supostas, sensações de segurança), da mesma forma a reportagem que destaca “Assaltos levaram moradores para salas de shoppings, mais seguras e confortáveis.”³, no entanto, acredita-se que, como apontado por Sousa (2014) é preciso fazer uma pesquisa avançada sobre o assunto, comparando índices de violência, roubos e furtos, por exemplo, não sendo, portanto, algo considerado como verdade no presente trabalho. Por outro lado, sabe-se que o advento dos *shopping centers* era eminente como uma nova forma de organização do comércio e dos serviços, reproduzindo de uma maneira

³ “Tijucanos sonham com o retorno dos cinemas de rua que deram forma à segunda ‘Cinelândia Carioca’”, 19/02/2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/bairros/tijucanos-sonham-com-retorno-dos-cinemas-de-rua-que-deram-fama-segunda-cinelandia-carioca-11643038> Acessado em: 08/07/2015

planejada e sistemática o modelo de economia de aglomeração que gerou lugares centrais em áreas como a Praça Saens Peña, trazendo consigo uma nova centralidade (Sousa, 2014). Esses centros de compra também estão impregnados por outras formas de consumo e lazer e os cinemas, em virtude de seu caráter de lazer e entretenimento, se adéquam a essa nova forma de sociabilidade e consumo simbólico. Frequentar o cinema significa não apenas assistir ao filme, mas consumir também o ambiente no qual a sala está instalada. Se antigamente a ida ao cinema estava envolvida pela arquitetura e esplendor das grandes salas (ou pelos antigos e pequenos cinemas conhecidos como “poeiras”), hoje a prática está afetada por outras vivências, tais como passear, fazer compras e lanchar na praça de alimentação. A prática de ir ao cinema continua a mesma, o que mudou foram as ações contíguas ao consumo do conteúdo ofertado pelas salas de exibição.

Se não podemos afirmar com certeza as razões pelas quais os cinemas fecharam, sabemos hoje de seu fim. A maioria deles foi refuncionalizado. A refuncionalização, ao lado da inércia e da resignificação são processos que garantem a manutenção da forma do passado no tempo presente, segundo Corrêa (Inédito). De acordo com o autor, esses processos estão ligados à manutenção ou ao desaparecimento de características como forma, função e significado. Sendo assim, no processo de inércia há a manutenção das três características, porque o seu conjunto ainda se dá de forma eficiente, seja ela econômica, política ou cultural. No processo de resignificação, como o nome sugere, altera-se seu significado, mas a forma e função são mantidas. Já no processo de refuncionalização, as antigas formas ganham novas funções e significados justamente porque o seu conjunto já não se dá de forma eficiente. Sendo assim, como pista à justificativa de fechamento das salas, não apenas da Praça Saens Peña, mas da cidade do Rio de Janeiro, entendemos que elas já não eram auto-suficientes, seja econômica, política ou culturalmente. No caso das salas na Praça Saens Peña, o **Quadro 3** indica as suas atuais funções.

Quadro 3: Atuais funções dos antigos cinemas da Praça Saens Peña

| Cinemas | Atuais funções |
|-----------------------|--|
| Cinema Tijuca | Demolido / Prédio Comercial |
| Cine-Teatro América | Farmácia |
| Cine-Teatro Olinda | Demolido / Prédio Comercial |
| Cinema Carioca | Igreja Neopentecostal |
| Cine Metro Tijuca | Demolido / Loja departamental |
| Cinema Tijuca I | Prédio Comercial |
| Cinema Palácio Tijuca | Loja departamental |
| Studio Tijuca | Igreja Neopentecostal / Prédio Residencial |
| Cine Bruni Tijuca | Prédio Comercial |
| Cine Rio | Banco / Prédio Comercial |

Fonte: Gonzaga (1996), pesquisa de campo (julho/2015).

Podemos verificar então que, três cinemas tiveram seus prédios demolidos e no lugar foram construídas formas mais adaptadas às suas novas funções. O primeiro a ser demolido foi também o primeiro a ser instalado, o Cinema Tijuca em 1966. Atualmente, na Rua Conde de Bonfim, 344 há o Shopping 344. Um prédio onde no andar térreo tem várias lojas comerciais e nos andares superiores uma gama de atividades de comércio e serviços. O segundo a ser demolido foi o Olinda em 1972, quando começaram a construir um grande prédio comercial nos mesmos moldes do Shopping 334, o Shopping 45, com lojas comerciais e escritórios. Cinco anos depois outro cinema viria a baixo, em 1977 foi a vez do Metro Tijuca ser demolido para dar lugar a uma grande loja departamental, a C&A. Sendo assim, os três primeiros cinemas a fecharem na Praça Saens Peña tiveram o mesmo fim – foram demolidos.

Os próximos cinemas, apesar de fechados foram todos refuncionalizados. Em 1978 foi a vez do Cine Rio onde há hoje uma agência bancária da Caixa Econômica Federal. O prédio acima do cinema continua funcionando como de serviços e comércio. O Studio Tijuca seria o próximo a ser refuncionalizado, no caso em uma igreja neopentecostal (Igreja do Evangelho Quadrangular), onde acima há o Edifício Britânia, com função residencial. Os demais cinemas seriam desmantelados na década de 1990 (Ferraz, 2012). Em 1997 o Bruni Tijuca, que hoje dá lugar há um prédio comercial e o América onde há uma farmácia Pacheco. Já em 1999, foi a vez do Carioca, onde funciona uma Igreja Universal do Reino de Deus, do Palácio, onde encontramos uma loja departamental (Leader Magazine) e o ultimo

a ser fechado, o Tijuca I e II que dá lugar a um prédio comercial, que já existia na época de sua inauguração, o Centro Comercial Esky.

Se por um lado, não há mais nenhuma sala de exibição na Praça Saens Peña, o lugar continua sendo um subcentro comercial juntamente com o bairro da Tijuca de forma geral. Certamente muitas salas fecharam justamente por causa da especulação imobiliária – construir um prédio comercial ou uma loja departamental pode gerar muito mais lucro que uma sala de cinema. Se uma sessão dura em média 2:00 horas e pode comportar até 1.000 pessoas aproximadamente, quantas pessoas não frequentam e consomem nesses prédios e lojas nessas mesmas 2:00 horas? Esse número pode extrapolar as 1.000 pessoas que o cinema comportava.

Considerações Finais

Por meio deste artigo identificamos que o Rio de Janeiro passou por três grandes momentos no que se refere a instalação de salas de cinema. Cada um desses momentos relaciona-se com um processo espacial. O primeiro momento, entre 1905 – 1934 quando ocorre a centralização, não só dos cinemas, mas de uma gama de atividades de comércio e serviços na área central da cidade, o segundo momento, mais longo, entre 1935 – 1984, quando identifica-se o processo de descentralização dos cinemas e das atividades terciárias por bairros como Madureira, Tijuca e Copacabana. E por fim, o terceiro momento, entre 1985 – 1994, quando verifica-se a ascensão dos *shopping centers* pelo Rio de Janeiro e a conseqüente migração (lenta e progressiva) dos cinemas para esses grandes centros de compra.

Especificamente ao M2, destacamos o bairro da Tijuca como aquele com o maior número de salas da cidade, 23 ao total, sendo que 10 delas estavam geograficamente concentradas e especializadas na Praça Saens Peña, fazendo com que a região ficasse conhecida como Segunda Cinelândia Carioca (Ferraz, 2012) ou Cinelândia da Tijuca (Cardoso, Vaz e Aizen, 2003; Ferraz, 2012). Como característica de um subcentro comercial, verifica-se a atração de atividades comerciais e de serviços. Os cinemas agiram como um agente pioneiro para que não só a praça, mas o bairro da Tijuca se tornasse referência de um subcentro comercial. Na cidade do Rio de Janeiro essa força dos cinemas só foi verificado ali, o que torna a Praça Saens Peña singular.

Entende-se também que é impossível tratar do assunto, qualquer que seja ele, de forma completa, ou seja, estudá-lo segundo diferentes pontos de vista, perspectivas.

Portanto, admite-se que existem muitos assuntos relacionados aos cinemas na Saens Peña e no Rio de Janeiro que não foram retratados no presente artigo, como por exemplo, as empresas exibidoras que detinham os direitos dos cinemas, possíveis redes geográficas estabelecidas por elas, os demais cinemas existentes no bairro da Tijuca, a programação exibida por cada um dos cinemas, o público frequentador etc. Entende-se a relevância e importância de cada um desses subtemas, mas devemos ser fieis ao nosso objetivo, que aqui era identificar o papel dos cinemas para a formação da Praça Saens Peña como subcentro comercial e aos limites de redação, 15 páginas.

Referências bibliográficas

ALVARENGA, A. L. de. A geografia criativa do cinema – o papel da montagem na construção dos espaços fílmicos. **Espaço Aberto**, vol. 1, nº 02, PP. 39 – 54, Rio de Janeiro, PPGG/UFRJ, 2011.

AZEVEDO, A. F. Geografia e cinema. In CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2009.

BERRY, B. J. L. **Geography of market centers and retail distribution**. Prentice Hall, 1967.

CARDOSO, E. D.; VAZ, L. F.; AIZEN, M.. A Praça Saens Peña através do tempo. In: SANTOS, A. M.; LEITE, M. P.; FRANCA, N. (Org). **Quando memória e história se entrelaçam: A trama dos espaços na Grande Tijuca**. Rio de Janeiro, IBASE, p. 81 – 94, 2003.

CARDOSO, E. D. *et al.* **História dos bairros – Tijuca**. Rio de Janeiro, IDEX Editora, 1984.

COLBY, C. C. Centrifugal and centripetal forces in urban geography. **Annals of the Association of American Geographers**. Vol. 23, nº 1, p. 1 – 20, 1933.

CORRÊA, R. L. O interesse do geógrafo pelo tempo. In CORRÊA, R. L. **Geografia – Caminhos Paralelos e Entrecruzados**. (Inédito)

_____. Espaço e Tempo – um tributo a Mauricio Abreu. **Revista Cidades**. Vol. 08, nº 14, p. 597 – 607, 2011.

_____. **Trajetórias Geográficas**. 6ª Ed, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997 (2011).

_____. **O Espaço Urbano**. 4ª Ed, Rio de Janeiro, Editora Ática, 1989 (2005).

COSTA, M. H. B. e V. da. Espaço, tempo e cidade cinematográfica. **Espaço e Cultura**, nº 13, PP.63 – 76, Rio de Janeiro, NEPEC/UERJ, 2002.

DUARTE, H. S. B. A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano XXXVI, nº 1, jan - mar, p. 53 - 98, 1974.

FERRAZ, T. **A segunda Cinelândia Carioca**. Rio de Janeiro, Mórula Editorial, 2012.

GONZAGA, A. **Palácios e Poeiras: 100 anos de cinema no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Record, 1996.

LIMA, E. F. W. **Arquitetura do espetáculo**- teatros e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2000.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1985 [2008].

SOARES, M. T. de S. Fisionomia e Estrutura do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano XXVII, nº 3, jul - set, p. 03 – 58, 1965.

SOUSA, R. G. de. Cinemas no Rio de Janeiro: trajetória e recorte espacial. **Dissertação (Mestrado)**, Rio de Janeiro, PPGG/UFRJ, 2014.

SPOSITO, M. E. B. O centro e as formas de expansão da centralidade urbana. **Revista Geografia**. São Paulo, 10, p. 01-18, 1991.

VAZ, T. **O rei do cinema**: a extraordinária história de Luiz Severiano Ribeiro. Rio de Janeiro, Record, 2008.

Jornais:

O Globo, Bairros - "Tijucanos sonham com o retorno dos cinemas de rua que deram forma à segunda 'Cinelândia Carioca'", 19/02/2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/bairros/tijucanos-sonham-com-retorno-dos-cinemas-de-rua-que-deram-fama-segunda-cinelandia-carioca-11643038> Acessado em: 08/07/2015